



## REPETIÇÃO E FATALIDADE EM *CEM ANOS DE SOLIDÃO*

Maria Beatriz Zanchet<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo constitui-se em uma pesquisa bibliográfica, fundamentada, teoricamente, em bases sociomíticas e discursivas, cujo objetivo é a análise da utilização da figura de repetição como forma explicativa subjacente ao processo de solidão e frustração que permeia o romance *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, observada sob dois aspectos: formalmente, enquanto estratégia de construção textual do romance, apoiada em índices que correspondem à narrativa em forma de espelho e à organização do tempo circular; semanticamente, enquanto leitura menipéica da recorrência a determinados mitos – do eterno retorno, de Adão e Eva, de Caim e Abel, de Édipo – que se abatem sobre a estirpe Buendía e sobre a cidade de Macondo, remetendo à esfera da fatalidade e à impossibilidade de História.

**PALAVRAS-CHAVE:** Repetição; Fatalidade; *Cem anos de solidão*.

### 1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista da inserção do romance *Cem anos de solidão* no contexto da produção autoral, a estratégia da repetição constitui recurso recorrente em García Márquez e não se limita à obra enquanto tal. Como acentua Bella Jozef (1974, p. 128): “Embora nem sempre uma complete os dados da anterior, há uma interrelação entre as ficções, cada uma das quais é etapa inseparável das outras na construção da realidade fictícia.”

Em relação à estrutura do romance, a organização também se vale da estratégia da repetição: construídos com vinte capítulos, sem numeração, o texto se caracteriza como narrativa especular, isto é, os dez primeiros capítulos narram uma história e os dez últimos voltam a narrá-la, mas de forma inversa. Aliás, a remissão à narrativa especular implica uma diegese que se auto-reflete: são repetições de nomes das personagens, de situações e de motivos que se cruzam e se entrelaçam em todo texto.

Outro aspecto importante, no estudo da repetição em CAS diz respeito ao tempo. Se é possível perceber uma cronologia, um tempo linear da história, em que se pode acompanhar a família Buendía desde sua criação – juntamente com a fundação de Macondo –, é mister não esquecer que este tempo é subjacente à estrutura do eterno retorno, do tipo circular.

Por sua vez, o tempo circular remete a uma articulação com leituras míticas: a) do eterno retorno, considerando que a ação transcorre entre o gêneses e o apocalipse; b) dos textos bíblicos, especificamente, de Adão e Eva e de Caim e Abel; c) com o mito de Édipo. Na verdade, subjacente à articulação dessas três leituras está o problema do incesto que, direta ou indiretamente esclarece a razão da solidão, uma vez que esta, apontando para uma dinâmica de repetição opera no âmbito da fatalidade, explica a solidão e, acima de tudo corrobora com uma visão de mundo amparada na

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon – PR. mbzanchet@bol.com.br

impossibilidade de fazer História, entendida esta como identidade própria e comunicação solidária entre os homens.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Este projeto constitui-se em uma pesquisa bibliográfica e organizou-se com base numa metodologia que contemplou o seguinte encaminhamento: a) revisão teórica da fundamentação que serviu de embasamento ao estudo; b) revisão da fortuna crítica sobre a obra *Cem Anos de Solidão* de Gabriel García Márquez; c) elaboração da análise com vistas aos objetivos propostos (análise/ redação).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos primeiros contos de Gabriel García Márquez, publicados entre 1947 a 1955, muitos dos motivos e fantasias recorrentes em *Cem anos de solidão* já estavam presentes. Assim, o motivo da chuva repete-se no conto *Isabel vendo chover em Macondo*, monólogo em que a personagem se vê asfixiada pela chuva que, em sua força avassaladora, tudo devora. No romance *A má hora: o veneno da madrugada*, de 1961, além da chuva que provoca estragos, fazendo com que grupos inteiros transladem suas casas para terrenos mais altos, há uma passagem em que padre Ángel fala com as mulheres a respeito de seu antecessor, estabelecendo uma estreita relação com *Cem anos de solidão*. Questionado sobre quem era o homem, o padre especifica: “O pároco que me sucedeu em Macondo – Tinha cem anos”. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1994, p. 53).

Igualmente, no primeiro romance de García Márquez *La Hojarasca* (1995), publicado no Brasil como *O enterro do diabo* (apud. JOSEF, 1974), é possível encontrar uma série de situações que aludem ao romance posterior: a história de um povoado cujo nome era Macondo, com a respectiva tranqüilidade bucólica dos tempos de sua fundação; a presença dos fundadores como sendo um casal de primos, invocando-se o incesto; a menção a acontecimentos políticos e sociais vivenciados pela Colômbia, numa referência à companhia bananeira, ao milagre econômico e, depois ao massacre dos trabalhadores, bem como a previsão de um aniquilamento final da comunidade macondense.

A partir da própria origem da família Buendía, é possível vislumbrar a reiteração: o primeiro José Arcadio, após matar seu amigo Prudencio Aguillar, ridicularizar o mito tão defendido pela esposa – “Se você tiver que parir iguanas, criaremos iguanas” (p. 26), – e manter relações sexuais com Úrsula, já está repetindo um ato ancestral; igualmente, se toma atitudes típicas de quem se deixa levar por ações mais instintivas, congrega a vontade de conhecer, trazida por Melquíades, e que, de uma forma ou de outra, reproduzir-se-á através das personagens no decorrer da narrativa.

A estrutura especular tem encontrado consistência e aproveitamento por parte de vários romancistas contemporâneos e, estudar mais detalhadamente este processo, permite elucidar algumas das relações entre história e ficção, especificamente, as inovações que caracterizam o novo romance histórico. Se a organização especular encaminha para uma estratégia narrativa que supõe uma face já abordada, já ocorrida, postula, sob esse aspecto, que se olhe a história com as lentes do tempo cíclico, processo de que se vale, sem sombra de dúvida, Gabriel García Márquez.

Linda Hutcheon (1991), em sua *Poética do pós-modernismo*, apoiada em estudos já sedimentados (Nye; White; Seamon), no capítulo em que discute a metaficção historiográfica, especifica que, hoje, as recentes discussões sobre o literário e o histórico têm contestado a separação entre estas duas formas, concentrando-se mais naquilo que as duas têm em comum ao invés do que em suas diferenças. Portanto, a interação entre o historiográfico e o metaficcional evidencia a rejeição a uma verdade histórica pronta e acabada; “segue-se que verdade e falsidade podem não ser mesmo os termos corretos

para discutir a ficção” e, seguindo a esteira de Hutcheon (1991, p. 142) – ao considerar *Cem anos de solidão como uma verdadeira metaficção historiográfica* – afirma que “só existem verdades no plural, e jamais uma só Verdade.”

A estrutura do eterno retorno em *Cem anos de solidão* se radica num fim que implica começo, tanto do ponto de vista formal quanto mítico. Assim, o voltar ao começo é recorrente – até na própria prolepse que aponta o futuro – , pois a regressão é o movimento que inaugura a narrativa: “Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo”. (CAS, p. 7). Aproximadamente, na metade da obra, no início do 10º capítulo, há uma remissão menipéica ao capítulo 1º: “Anos depois, em seu leito de agonia Aureliano Segundo haveria de se lembrar da chuvosa tarde de julho em que entrou no quarto para conhecer o seu primeiro filho”. (CAS, p. 165).

Espécie de paródia, a segunda citação apela para a primeira. Nas duas, há a presença da morte e da evocação, embora os objetos da lembrança sejam diferentes: respectivamente, o pai e o filho.

Inaugurar a ficção como retrocesso (e não só a partir do agora da escrita e da leitura para o passado da narração, mas também a partir de um futuro no interior mesmo da ficção para o passado desse futuro) implica delimitar o material da história como o *passado*; inaugurá-lo como *lembrança* de um personagem implica, além disso, regressar a esse passado através da *memória*. (LUDMER, 1989 p. 24).

Desta forma, se as marcas temporais que se fazem presentes, tanto as prolepses – que encaminham para uma antecipação – , quanto as analepses, que remetem ao *flash-back* – postulam a história da família Buendía, no decurso de cem anos, há que se considerar que este suceder não se faz de forma cronológica, mas cíclica. Como enfatiza Bella Jozef (1974, p. 135), “o passado se repete no presente e o futuro é previsível porque de algum modo já ocorreu”.

O início da fundação de Macondo, sua organização geo-social – fundamentada na liderança do patriarca – a presença dos ciganos, juntamente com Melquíades e seus inventos atesta um período feliz, semelhante ao mundo paradisíaco: “Macondo se tornou uma aldeia mais organizada e laboriosa que qualquer das conhecidas até então pelos seus 300 habitantes. Era na verdade uma aldeia feliz, onde ninguém tinha mais de trinta anos e onde ninguém havia morrido.” (CAS, p. 14). Esta representação edênica, embasada numa vegetação abundante, na qual o concerto dos pássaros canoros se faz tão potente “que Úrsula tapou os ouvidos com cera de abelha para não perder o senso da realidade” (CAS, p. 14) lembra a simbologia do Éden.

Tal estado paradisíaco inicial, entretanto, carrega a mácula da transgressão que, apontada nas origens, permeia por toda a estirpe e começa a ser desvendada e partir do segundo capítulo do romance. Neste, a obra narra as origens da família Buendía, relativas ao casal José Arcadio – Úrsula, apontando, igualmente, para a questão do incesto que, como motivo latente vai espriar-se até o final, por toda narrativa. O mito da queda, o pecado da desobediência em Adão e Eva, também se presentifica em José Arcadio e Úrsula, ao, simbolicamente, comerem o fruto proibido, uma vez que as conseqüências do relacionamento sexual, justificadas com base no incesto, já que Úrsula e José Arcadio são primos, remetem a um fato anterior na estirpe.

No romance de García Márquez, a alusão à transgressão provocada pelos pais primordiais encontra ressonância com outro tema bíblico – a história de Caim e Abel – embora, em *Cem anos de solidão*, a violência criminosa não se dê entre irmãos, mas entre amigos. A relação conjugal entre José Arcadio e Úrsula – protegida com o cinturão da castidade, devido à crença e ao medo de que lhe nascesse um filho com rabo de porco – só é consumada após o assassinato do amigo Prudencio Aguillar, motivado pelas gozações deste após as contendidas em uma rinha de galos, em que os animais dos dois amigos disputavam. Furioso com a derrota de seu galo, Prudencio descarrega a sua

raiva: “Vamos ver se afinal esse galo resolve o caso da sua mulher”. (CAS, p. 25) e, ao aludir à suposta impotência do outro, nem “teve tempo de defender-se. A lança de José Arcadio Buendía (...) atravessou-lhe a garganta”. (CAS, p. 25). Mais uma vez, o caso das origens da família opera sérias conseqüências fazendo com que o casal, impossibilitado de conviver com a “sombra” do crime, se translade para outro lugar, configurando-se, então, Macondo. Entretanto, o peso da culpa irá com eles, e junto, o medo da possibilidade de consumação do mito ancestral.

Tomando como referência conceitos extraídos da Psicanálise, notadamente a “interdição” e a “transgressão”, é possível equacionar, tanto nas relações com os mitos bíblicos, quanto com o mito de Édipo, uma ordenação: quem transgredir uma lei (seja ela imposta pelos homens ou pelos deuses), sofrerá um castigo, uma reprimenda; carregará a culpa que inevitavelmente virá à tona. Sem sombra de dúvida, essa concepção remete à fatalidade do destino, o que pode ser melhor explicitado ao se relacionar com o mito de Édipo. Sob esse aspecto, é exemplar a interpretação de J. Ludmer (1989, p. 7) para quem, em *Cem anos de solidão*, “as relações no interior da árvore genealógica e as relações entre o mito de Édipo e esta árvore constituem as formas básicas na narrativa e organizam os níveis elementares da leitura.”

Nas narrativas contemporâneas, os mitos clássicos não se constituem em repetições idênticas. Muitas vezes, funcionam como paródia ou menipéia dos textos originais, cujo fim hermenêutico abre portas diferentes ao nível das significações. É assim que em *Cem anos de solidão*, o fio condutor da narrativa – a decifração dos pergaminhos de Melquíades – corresponde à decifração efetuada pelo sábio Tirésias no mito de Édipo. Contudo, as analogias nem sempre se dão na mesma ordem. Muitas vezes, são invertidas, cindidas ou mantêm apenas algumas unidades mínimas com a versão original. Édipo, ao ser informado pelo oráculo da sua ação futura – parricida e incestuosa – abandona Corinto e empreende uma viagem, muita embora, na previsão do oráculo nada lhe é dito sobre seu nascimento.

Como ocorrem as viagens em *Cem anos de solidão*, considerando-se que: a) o mito permeia uma gama de personagens e não apenas um, individualmente; b) o crime não se dá como parricídio mas como fratricídio; c) o incesto ocorre não entre mãe e filho, mas ente irmãos ou entre tias e sobrinhos? Conforme Ludmer (1989) ocorrem muitas viagens em CAS, especialmente, marítimas, bem como vários regressos, os quais são marcados pelo surgimento ou recrudescimento de atitudes incestuosas.

José Arcadio volta de uma viagem para casar-se com Rebeca, sua irmã adotiva; Aureliano José regressa disposto a casar-se com Amaranta, sua tia-mãe adotiva; o último José Arcadio retorna de Roma para encontrar a imagem irrecuperável de Amaranta, sua tia-bisavó; no último incesto é Amaranta Úrsula quem regressa de sua viagem, a qual coincide com a inversão geral – neste caso de sexo – que sofre a figura na última parte da ficção. (LUDMER, 1989, p. 16).

Se há discrepâncias entre os dois textos, há, também semelhanças: Aureliano, ao descobrir a verdade sobre sua origem, percebe, fatalmente, que é chegado o seu fim e, também, o da cidade das miragens (Macondo). Em termos circulares, a epígrafe dos pergaminhos se faz evidente no desvendamento: “O primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último está sendo comido pelas formigas.” (CAS, p. 363).

#### **4 CONCLUSÃO**

A repetição que estrutura a obra, quer nos seus aspectos formais, quer nas articulações míticas, quer na relação metonímica de abrangência do menor pelo maior – indivíduo < Buendía < Macondo < Colômbia < América Latina – postula a circularidade e a solidão ambas remetendo ao universo fatalista do destino e, conseqüentemente à impossibilidade de História, pois “as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra.” (CAS, p. 364).

(...) Quero recordar que o cíclico é, antes de tudo, resultado de um movimento acumulativo como se não houvesse racionalidade mas somente necessidades; deste modo, a casa dos Buendía e mesmo Macondo vão crescendo explicitamente mas a figura que traçam se dissolve, já não se sabe mais a forma de uma e de outra. Talvez estejam fundidas com o pântano do qual saíram graças a uma vontade e à energia fundadora do mito do incesto? Assim, o espaço em *Cem anos de solidão* acaba sendo um produto do tempo e se sobrepõe, como os atos dos homens, ao espaço real: a história é precisamente a expressão deste trabalho, ao mesmo tempo heróico, mítico, inútil. (JÍTRIK, 1972, p. 234).

Em *Cem anos de solidão*, a tensão entre passado-presente-futuro, a realidade e o mágico, o mito e a história, a individualidade e o coletivo e o histórico e o ficcional permitem a leitura da repetição como hermenêutica da solidão.

## REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Mario. Temas e problemas. In: MORENO, César Fernández (Coord. e Int.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FARÍAS, Victor. *Los manuscritos de Melquíades*. Frankfurt/ Main: Editionen der Iberoamericana, 1981.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *A má hora: o veneno da madrugada*. Trad. Joel Silveira. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

\_\_\_\_\_. *Olhos de cão azul*. Trad. Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Record, 1974.

\_\_\_\_\_. *Cem anos de solidão*. Trad. Eliane Zagury. 17.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JÍTRIK, Noé. Destruição e formas nas narrações. In: MORENO, César Fernández (Coord. e Int.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

JOZEF, Bella. *O espaço reconquistado: linguagem e criação no romance hispano-americano contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 1974.

LUDMER, Josefina. *Cem anos de solidão: uma interpretação*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.